

A cartoon illustration of a character with a large white speech bubble above their head. The speech bubble contains the text 'VALE A PENA CONHECER GEOGRAFIA'. The character is wearing a red and white outfit and is positioned in a landscape with green grass and a blue sky. The overall style is simple and colorful.

(Des)Construindo a Geografia – Aula 3

O trabalho, a técnica e a
transformação do Espaço
Geográfico

O Trabalho e a (trans)formação do Espaço Geográfico – A relação entre Sociedade e Natureza

Discutindo conceitos:

- a) Espaço Geográfico – “A acumulação desigual de tempos”, segundo Milton Santos. Espaço socialmente construindo e em constante transformação;
- b) Trabalho – Não é sinônimo de emprego, o qual se configura como um cargo em troca de um salário. Trabalho é a atividade humana física ou intelectual despendida na produção de algo que supra as necessidades do indivíduo ou de um grupo. Com o seu trabalho, árduo, indigno ou de alta qualificação, o Homem atua sobre o Espaço Geográfico na extração de recursos naturais, na produção de bens e na construção de Meios de Existência;
- c) Trabalho Produtivo – É aquele que contribui para a reprodução do capital, havendo venda da força de trabalho, mais-valia e lucro para os donos dos meios de produção;
- d) Trabalho Improdutivo – É aquele que não produz valor de troca, mesmo que dê origem a um objeto material, logo, não visa a venda da força de trabalho, a mais-valia e o lucro.

Mosaico – Trabalho, Sucessão e Ocupação na construção do Espaço Geográfico – Sempre “inacabado”

Largo da Carioca – Centro do Rio de Janeiro



As diferentes sociedades e o uso da técnica na (trans)formação do Espaço Geográfico

Ao longo do tempo, o ser humano foi desenvolvendo novas formas de trabalho. A necessidade de potencializar as atividades, diminuir os erros e reorganizar as tarefas, estimulou a busca por novos conhecimentos e aplicação dos mesmos na realização do trabalho. Sendo assim, o Homem desenvolveu **técnicas** para melhor execução de seus afazeres, criando e aplicando instrumentos, máquinas e manuseio dos mesmos no seu cotidiano.

Contudo, as técnicas não são homogêneas em todas as sociedades. Há grupos sociais que utilizam técnicas arcaicas, rudimentares, tradicionais, como povos indígenas, tribos africanas e sociedades agrícolas, com uma divisão de tarefas por gênero e com os meios de produção pertencentes à comunidade; Outros, nas Sociedades Capitalistas, desenvolvem as técnicas de forma mais acelerada e com aplicação de conhecimentos científicos, gerando a **tecnologia**. No Mundo atual, quando mais um país detém um domínio de novas tecnologias, mais desenvolvido ele é.

Técnicas tradicionais – Técnicas Modernas



Sociedades Capitalistas, o avanço das técnicas, o desenvolvimento tecnológico e a (trans)formação do Espaço Geográfico

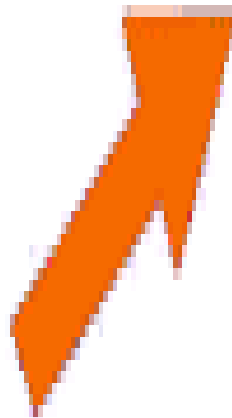
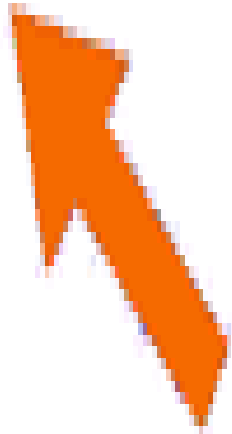
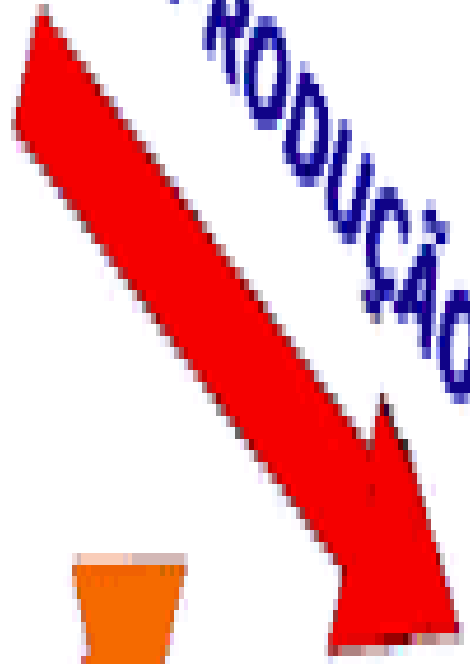
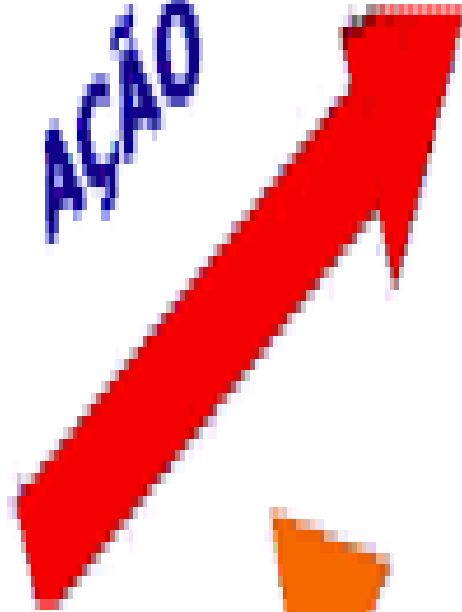
O avanço da técnica e o desenvolvimento da tecnologia, nas Sociedades Capitalistas, visam potencializar o processo produtivo e capacidade de transformar os recursos naturais em matérias-primas, as matérias-primas em máquinas e mercadorias e, estas, em consumo. Além disso, tal tecnologia permite o desenvolvimento acelerado das atividades agrícolas, o crescimento das cidades, novos tratamentos na Medicina e telecomunicação, ou seja, transformando e redimensionando o Espaço Geográfico;

As Sociedades Capitalistas giram em torno da acumulação de **Capital**. Este é todo bem que, investido, visa o lucro, como imóveis, dinheiro, ações etc.). Para potencializar essa acumulação, tais sociedades se organizam em torno de uma **Divisão Social do Trabalho**, na qual **donos dos meios de produção** de um lado e trabalhadores do outro, criam relação de “compra e venda” de **força de trabalho**, ou seja, a capacidade física e intelectual em troca de um salário. Este, no entanto, não é equivalente ao produzido pelo trabalhador, gerando um excedente, uma mais-valia e o desejado **lucro**.

NATUREZA

AÇÃO

PRODUÇÃO



TRABALHO

HOMEM

BEM

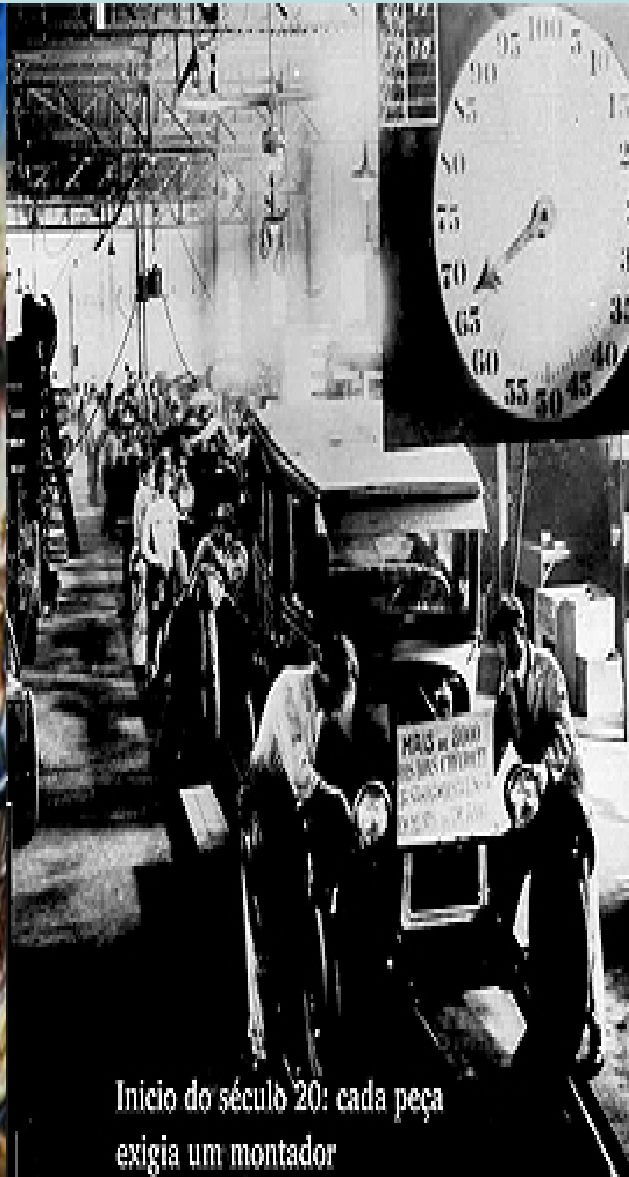
As sociedades capitalistas e a atividade industrial

Nada transformou mais a relação sociedade-natureza do que o desenvolvimento da atividade industrial. Desde o século XVIII, marco inicial da Revolução Industrial, até os dias de hoje, o Homem saiu de um estágio de ferramentas manuais e de máquinas movidas pela sua força para equipamentos e meios de transporte movidos a energia térmica (queima de combustíveis) e elétrica. O ritmo de (trans)formação do Espaço Geográfico acelerou, principalmente, em países que realizaram primeiro a “RI”, tais como os Europeus Ocidentais, Estados Unidos e Japão.

No mundo atual, em plena Terceira Revolução caminhando para a Quarta, pode-se analisar a Indústria como sendo o principal setor em desenvolvimento de pesquisas e novas tecnologias, inclusive, as que são aplicadas na agricultura e serviços, reorientando a **divisão social do trabalho**, a produção de mercadorias e o consumo nas sociedades capitalistas.

Quanto maior o domínio de tradicionais e modernos ramos da Indústria e de novas tecnologias, mais acumulação de capital, maior o investimento e mais desenvolvida será o país. O Brasil, contudo, é um país de Industrialização Tardia.

As Revoluções Industriais e a transformação do Espaço Geográfico



Início do século 20: cada peça exigia um montador

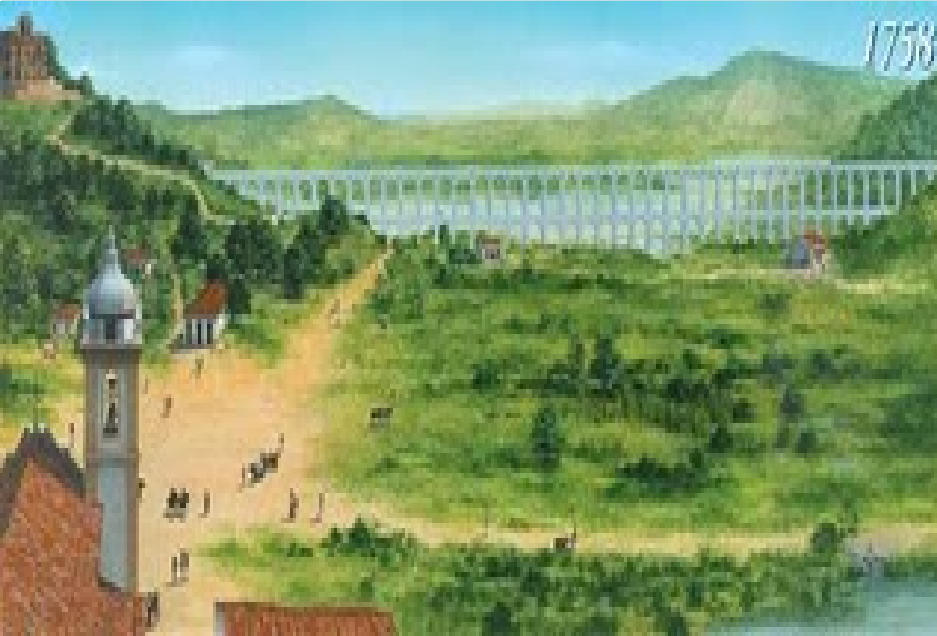


As atividades econômicas e a transformação do Espaço Geográfico

O desenvolvimento de novas tecnologias exigiu, para a reprodução das mesmas, um volume cada vez maior de recursos extraídos da Natureza. Ao mesmo tempo, tais tecnologias facilitam a exploração do ambiente natural.

Além de transformar o Espaço Natural em Espaço Social (Geográfico), este está em constante mutação, seja por ações diretas na configuração desses espaços (na construção de novas edificações, por exemplo), pela evolução das técnicas e tecnologias e/ou pelas mudanças nas relações sociais.

Transformações no Bairro da Lapa – Rio de Janeiro



As Transformações Espaciais e os impactos ambientais



Reflexão

“Os tais 140 caracteres reflectem algo que já conhecíamos: a tendência para o monossílabo como forma de comunicação. De degrau em degrau, vamos descendo até o grunhido.”

José Saramago

